



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Ficha Pedagógica

As estratégias inclusivas no ensino regular de acordo com Dario lanes

Tronco do módulo/ E

Contacto : Roberta Rasca

I .C. « Cecrope Barilli » di Montechiarugolo (PR) Italie

<http://www.icmontechiarugolo.gov.it/>



Título: As estratégias inclusivas no ensino regular de acordo com Dario lanes

Definição Geral/breve descrição do conteúdo

Nesta ficha relatamos o que foi ilustrado por Dario lanes nos seu livro; *Necessidades educativas especiais e inclusão – avaliação das verdadeiras necessidades e ativação de todos os recursos* - 2005 Edizioni Erickson

Uso/Área de aplicação

Como tornar a aprendizagem possível e com sentido e ativar a participação de um aluno com dificuldades de aprendizagem numa tarefa segundo Dario lanes.

Princípios e fundamentações teóricas

A crescente consciencialização da heterogeneidade das turmas, na sua composição normal, torna necessária uma educação inclusiva que satisfaça todas as necessidades. Uma evolução no ensino regular

é necessária para responder de forma adequada às diferenças e dificuldades. Uma inclusão de qualidade precisa de um ensino de qualidade, mais qualidade nas situações normais que todos encontramos nas escolas (i.e. no ensino): Dario lanes fala de “normalidade especial” que é uma normalidade didático-educativa tornada mais rica, permanentemente enriquecida com os pequenos, grandes detalhes necessários para alguns, mas úteis para todos.

O objetivo da educação inclusiva é “fazer com que todos os alunos atinjam o nível de aprendizagem e de participação social mais alto possível, destacando as diferenças presentes no grupo turma”(…) (ver ficha de pesquisa: “das necessidades educativas especiais à didática inclusiva”)

Apresentação da metodologia

“Atualmente há bastante literatura experimental que mostra como os vários modelos de aprendizagem cooperativa são mais eficazes não só para a aprendizagem cognitiva mas também para a inclusão dos alunos com dificuldades, dando-lhes os papéis e oportunidades adequados para participarem na aprendizagem. Para tornar a aprendizagem possível e com sentido e para ativar a participação de um aluno com dificuldades numa tarefa, temos, muitas vezes, que “adaptar” os objetivos, isto é, mudar algo nos elementos que constituem a essência de qualquer objetivo:

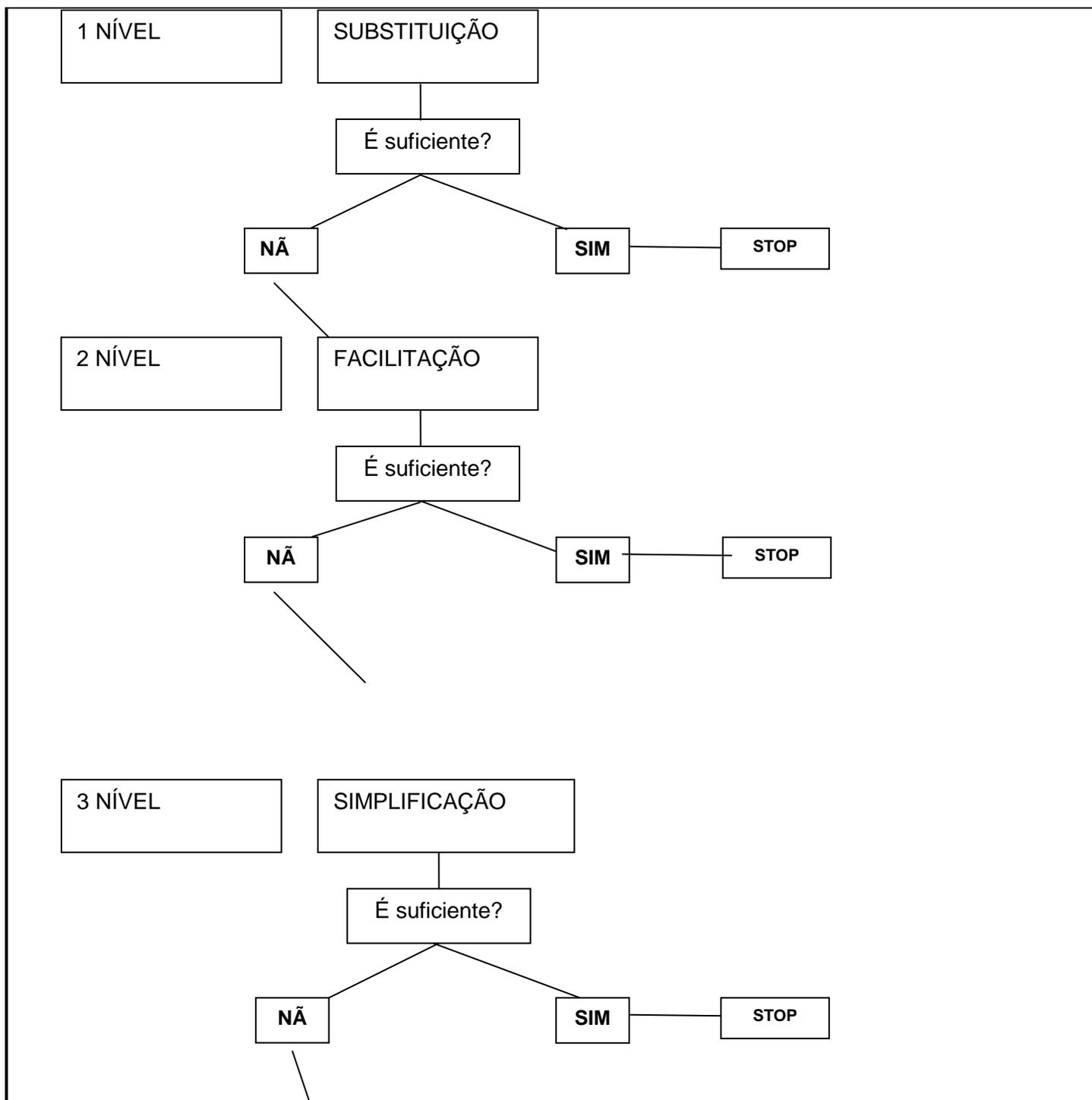
INPUT	Ação
Input	Compreensão Processamento Produção

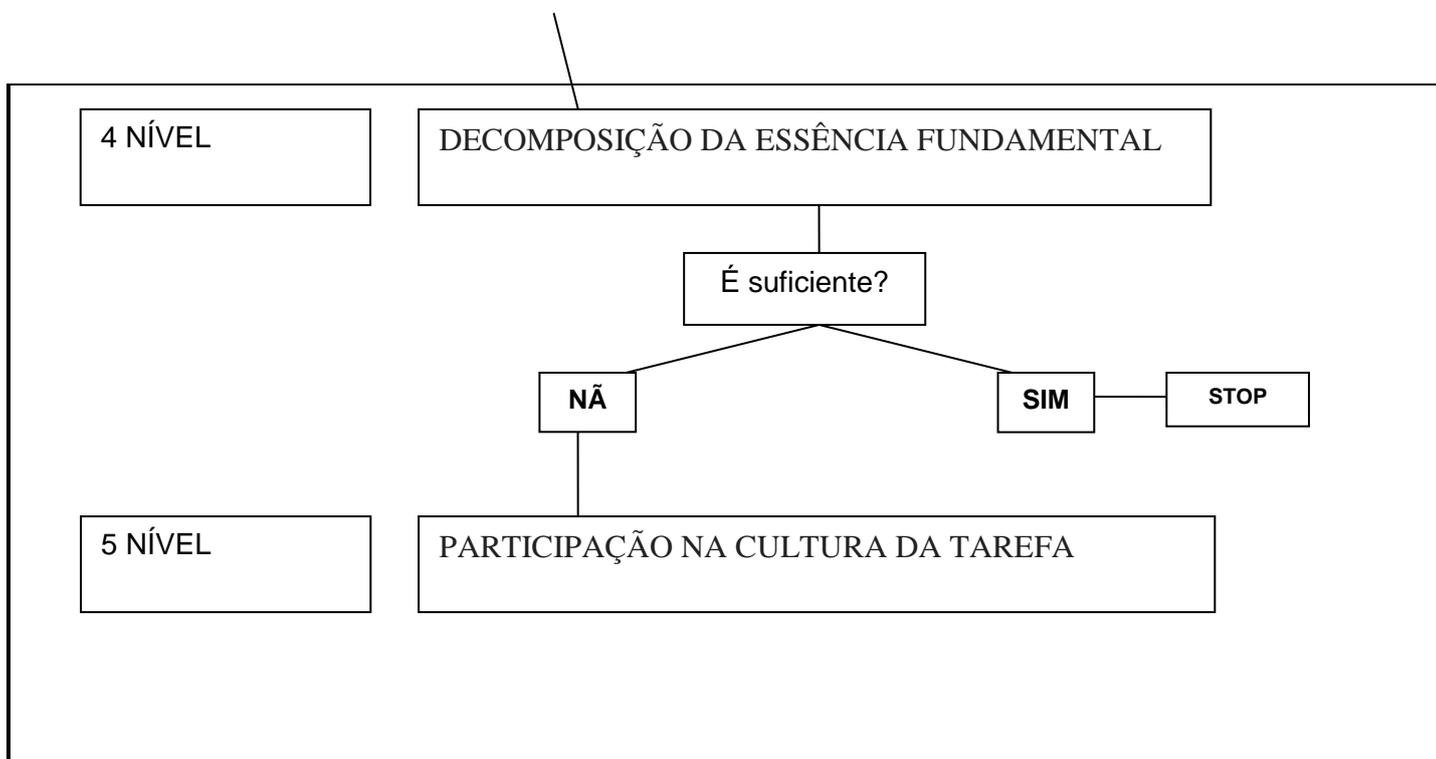
Em todas as fases do trabalho de adaptação dos objetivos, deveríamos ter em conta estas três componentes da ação que pedimos ao aluno.

Quando usamos as várias possibilidades de adaptação dos objetivos do currículo temos de ter em conta um princípio de parcimónia e normalidade: quanto menos, melhor.

Mas também devemos atender ao princípio da eficácia: a adaptação deve ser realmente determinante para facilitar o aluno.

No diagrama baixo, vemos as várias possibilidades de adaptação.





As operações da fase de “substituição” são especialmente necessárias em casos de dificuldades sensoriais e/ou motoras. Isto é uma “tradução” do input para outro código/linguagem e /ou o uso de outros modos de produção. Não de modo algum simplificar mas sim tornar acessível: por exemplo, um texto traduzido para Braille (input) ou a utilização do computador em vez de um lápis (produção).

As fases de “facilitação” são especialmente adequadas quando as dificuldades não são muito grandes e são específicas e sectoriais, neste caso fazemos uma “recontextualização” do objetivo: este é proposto em ambientes reais (calcular o troco no supermercado e não na aula), em contextos altamente didáticos (aprendizagem cooperativa, tutoria, etc.) ou em contextos de didática operacional (laboratórios, simulações, saídas).

Quando a compreensão, processamento e produção se tornam mais significativos, deve ser usada a fase da “simplificação”, assim, um ou mais dos componentes do objetivo deve ser simplificado: compreensão, processamento e produção. Por exemplo, pode alterar-se o léxico, reduzir a complexidade conceptual, simplificar os critérios para a execução correta, etc.

Em casos de maior dificuldade, do aluno ou da disciplina, deve-se recorrer à fase de “decomposição no núcleo fundamental”. Assim, é necessário encontrar no currículo os núcleos fundamentais que são mais fáceis de traduzir para objetivos acessíveis e com significado. Por exemplo, na Geografia a distinção entre alterações naturais e alterações provocadas pelo homem podem ser facilmente compreendidas ao apresentar uma série de fotografias de ambientes naturais e artefactos e classifica-los num cartaz; ou na História o conceito de causa e efeito pode ser abordado fazendo um livro da história pessoal de cada um (a mudança de casa é causada pelo nascimento de um irmão, a herança do avô ou o desejo de viver no campo). Deste modo abordamos os fundamentos essenciais de uma disciplina, estando mais atentos aos processos cognitivos típicos daquele saber mais do que aos produtos, isto é às noções.

Nos casos de grande gravidade, onde depois de tentar estas formas de adaptação, ainda não se consegue criar um conjunto significativo de objetivos de relação, podemos recorrer à “participação na cultura da tarefa” ou encontrar oportunidades para envolver o aluno nos momentos significativos da elaboração ou uso das competências curriculares, para que ele experimente, mesmo que seja só como espectador, a “cultura da tarefa”, isto é o clima emocional, a tensão cognitiva, os produtos elaborados, etc.”.

Ao mesmo tempo que se trabalha os objetivos da tarefa e adapta os materiais, está-se a trabalhar o manual e as fichas de instruções.

Bibliografia

Dario IANES, Necessidades Educativas Especiais e Inclusão - *avaliação das verdadeiras necessidades e ativação de todos os recursos* - 2005 Edizioni Erickson